

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-CRÍTICAS DA INTERSECCIONALIDADE: uma práxis crítica

Bárbara Silva dos Santos Pereira¹
Graziela Cristina Gonçalves²

Resumo

Esta é uma resenha sobre a obra "Interseccionalidade", publicada no ano de 2021 pela parceria entre Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, na qual as autoras desenvolvem o conceito de interseccionalidade e elucidam questões sobre sua utilização. Seria a interseccionalidade um método de pesquisa, uma ferramenta de análise ou uma vertente do feminismo? Quais são os usos da interseccionalidade e suas principais contradições? Esses questionamentos apontados na obra são uma valiosa contribuição teórico-crítica na busca da compreensão das opressões e problemas sociais, capturando a dinâmica existente entre os eixos de subordinação. A obra busca entender como raça, classe, gênero, capacidade física, nacionalidade, sexualidade, status de cidadania, etnia, faixa etária e demais categorias desvelam a complexidade do corpo como construção social. Em síntese, este é um livro que provoca uma imersão nas complexidades da interseccionalidade, sobretudo, na sua função enquanto ferramenta capaz de desvendar os mecanismos de opressão e promover a justiça social.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Práxis crítica; Relacionalidade.

THEORETICAL-CRITICAL CONTRIBUTIONS OF INTERSECTIONALITY: a critical praxis

Abstract

¹ Graduada em licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED/UERJ) e atualmente aluna do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED/UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-7538-1130>. E-mail: bspereira@gmail.com

² Graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade do Vale Itajaí (UNIVALI), Especialista em Diversidade Étnico-racial (AUPEX), em Gênero e Diversidade Escolar pela Faculdade São Braz, Mestra em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (UDESC) e atualmente aluno do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (UDESC), Santa Catarina, Brasil. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-3396-3340>. E-mail: professoragrazielaitajai@gmail.com

This is a review of the book "Intersectionality", published in 2021 by Patricia Hill Collins and Sirma Bilge, in which the authors develop the concept of intersectionality and elucidate questions about its use. Is intersectionality a research method, an analysis tool, or a branch of feminism? What are the uses of intersectionality and its main contradictions? These questions raised in the book are a valuable theoretical-critical contribution in the search for understanding oppressions and social problems, capturing the dynamics that exist between the axes of subordination. The book seeks to understand how race, class, gender, physical ability, nationality, sexuality, citizenship status, ethnicity, age group, and other categories reveal the complexity of the body as a social construction. In short, this is a book that provokes an immersion in the complexities of intersectionality, above all, in its function as a tool capable of unraveling the mechanisms of oppression and promoting social justice.

Keywords: Intersectionality; Critical praxis; Relationality.

APORTES TEÓRICO-CRÍTICOS DE LA INTERSECCIONALIDAD: Una praxis crítica

Resumen

Esta es una revisión del trabajo "Interseccionalidad", publicado en 2021 por la asociación entre Patricia Hill Collins y Sirma Bilge, en la que los autores desarrollan el concepto de interseccionalidad y aclaran cuestiones sobre su uso. ¿La interseccionalidad sería un método de investigación, una herramienta de análisis o un aspecto del feminismo? ¿Cuáles son los usos de la interseccionalidad y sus principales contradicciones? Estas cuestiones planteadas en la obra son un valioso aporte teórico-crítico en la búsqueda de comprender la opresión y los problemas sociales, captando las dinámicas que existen entre los ejes de subordinación. El trabajo busca comprender cómo la raza, la clase, el género, la capacidad física, la nacionalidad, la sexualidad, la ciudadanía, la etnia, el grupo de edad y otras categorías revelan la complejidad del cuerpo como construcción social. En definitiva, este es un libro que te sumerge en las complejidades de la interseccionalidad, sobre todo, en su función como herramienta capaz de develar los mecanismos de opresión y promover la justicia social.

Palabras clave: Interseccionalidad; Praxis crítica; Relacionalidad.

A obra, *Interseccionalidade*, lançada em 2021, aponta para vários aspectos sobre a interseccionalidade, um conceito que investiga como as relações de poder na sociedade são marcadas pelas intersecções entre as categorias de raça, classe, gênero, entre outras. A produção de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge, divide-se em oito capítulos e apresenta um amplo cenário

sobre os estudos interseccionais, convidando-nos a mergulhar nas profundidades da interseccionalidade. Cabe destacar que, Patricia Hill Collins é professora emérita da Universidade de Maryland e Sirma Bilge é professora catedrática da Universidade de Montréal. Ambas são professoras de sociologia.

Nesta publicação, as autoras exploram como os fatores de raça, classe, gênero, capacidade física, nacionalidade, sexualidade, status de cidadania, faixa etária e outras categorias se entrelaçam e desvelam a complexidade do corpo como uma construção social. Seu objetivo central é fornecer ferramentas analíticas originadas da práxis-crítica, não apenas para entender, mas também para promover mudanças sociais efetivas.

No primeiro capítulo, as autoras informam que o termo "interseccionalidade" passou a ser amplamente adotado no século XXI por acadêmicos, estudantes, docentes, militantes, ativistas, influenciadores e diversos atores que vislumbram uma possibilidade de mudança social por meio de seu uso em projetos. Para Bilge e Collins, a interseccionalidade investiga como "as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana" (COLLINS; BILGE, 2021, p.15), sendo este o conceito genérico.

Esta obra apresenta o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica, analisando situações concretas e articulando relações de poder interseccionais, desigualdade econômica e reivindicações do movimento de mulheres negras. Dessa análise, emergem seis ideias centrais: desigualdade social, relações de poder interseccionais, contexto social, relacionalidade, complexidade de análise e justiça social.

No capítulo seguinte, a interseccionalidade é abordada como investigação crítica, ultrapassando uma estrutura fixa, sendo multifacetada e sinérgica entre investigação, questionamento, pensamento desafiador e práxis crítica nos diversos contextos sociais. As autoras destacam dois princípios: o enfoque nas experiências e comportamentos das pessoas afetadas por desigualdades, e o uso da teoria e prática como empoderamento. Apresentam

também o conceito central de relacionalidade, que traduz como problemas sociais atingem algumas pessoas e não outras.

Para entender a história da interseccionalidade, no capítulo três, Bilge e Collins retomam suas ideias centrais a partir do ativismo social, como os movimentos Black Power, libertação dos chicanos, Red Power e asiático-americanos em bairros segregados. Esses movimentos traziam as narrativas da interseccionalidade, revelando combinações de experiências pessoais e análises estruturais de opressões entrelaçadas. “Nesse contexto, as análises interseccionais sobre raça, classe, gênero e sexualidade foram aperfeiçoados dentro e através dos múltiplos movimentos sociais” (COLLINS; BILGE, 2021, p.98).

Neste capítulo, autoras apontam que as ideias centrais da interseccionalidade foram difundidas mais fortemente, no período do ativismo social nos Estados Unidos, entre as décadas de 1960 e 1980. É importante mencionar que neste mesmo período, o Brasil também vivenciava o fortalecimento do Movimento Negro e nessa esteira as temáticas a respeito de raça, classe e gênero, já entravam nas pautas políticas e acadêmicas, por meio da intelectual Lélia Gonzales.

Contudo, os movimentos de pautas interseccionais, só ganharam voz acadêmica na década de 1990, quando grupos antes excluídos entraram no ensino superior, trazendo ideias dos movimentos sociais para promover justiça social. Kimberlé Crenshaw, citada como responsável pelo termo, pretendia defendê-lo como constructo social, estabelecendo vínculos entre identidade individual e coletiva, estruturas sociais, relações de poder e iniciativas de justiça social.

No capítulo quatro, as autoras discutem o alcance global da interseccionalidade, salientando que problemas como desigualdade social, questões ambientais e violências podem ser abordados por essa lente.

Há três padrões de envolvimento destacados: presença na arena de políticas públicas e direitos humanos; alinhamento a projetos globais de justiça, saúde e direitos reprodutivos; e instalação nas mídias digitais, com impacto global sobre questões de justiça social. A Conferência de Durban (2001) é

destacada como marco para a incorporação global da interseccionalidade nas agendas de igualdade.

No tocante a protestos sociais e políticas neoliberais, no próximo capítulo, as autoras apresentam o papel importante das manifestações contra políticas públicas que favorecem desigualdades. Os protestos, apesar de sofrerem medidas coercitivas, ganham força por meio de outras modalidades de comunicação, articulando-se com movimentos de base, organizações da sociedade civil e intelectuais, tornando-se transnacionais.

Esses protestos também agem contra o populismo de extrema-direita, formado por cidadãos que se consideram legítimos e patriotas, repudiando "outros" como grupos raciais/étnicos, minorias sexuais e migrantes sem documentos, vistos como cúmplices do declínio da identidade nacional.

O tema interseccionalidade e identidade é abordado no sexto capítulo, para promover um entendimento mais amplo sobre identidades coletivas e ação política. O objetivo é explorar as identidades e suas contribuições fundamentais para a interseccionalidade como investigação e práxis crítica, pois é a relação das múltiplas identidades que afeta as relações de poder na sociedade. A identidade é compreendida pelas autoras como um devir, algo socialmente construído e dinâmico.

É trazida a abordagem por meio do hip-hop, fenômeno global que dialoga com a interseccionalidade e é um espaço de política identitária e questionamento do status quo. São analisadas dimensões acadêmicas sobre interseccionalidade e identidade, apontando distintas caracterizações de especialistas sobre a interpretação da interseccionalidade. Quatro dimensões são destacadas: contexto social, relacionalidade, desigualdade social e justiça social.

No penúltimo capítulo, ao examinar os desafios contemporâneos envolvendo interseccionalidade e educação crítica, Bilge e Collins identificam pontos convergentes, como a valorização da democracia participativa, a importância de navegar pelas diferenças e o reconhecimento das vivências e experiências de desigualdades sociais dentro dos sistemas educacionais.

Defendem a necessidade de diálogo entre interseccionalidade e iniciativas de diversidade para uma educação crítica, pautada na equidade e justiça social.

No último capítulo, as autoras revisitam os temas abordados, salientando que a obra foi organizada pelo princípio da investigação e práxis da interseccionalidade como análise crítica.

Finalizam com a seguinte questão: “Para onde está se direcionando a interseccionalidade? Olhamos para trás para poder seguir em frente” (COLLINS; BILGE, 2021, p.247). Elas destacam alguns pontos-chave para tal questão: desigualdade social como um objeto fundamental desta investigação; interseções das relações de poder, que compreendem o poder como relacional e não fixo; contexto social como um importante eixo para refletir sobre as questões específicas dos fenômenos locais e globais; relacionalidade que se refere às conexões e distintas relações entre ideias e acontecimentos; a complexidade dos diferentes eixos que interagem entre si; a justiça social como um tema central de preocupação da interseccionalidade.

Em síntese, trata-se de um livro que discute as relações sociais e as de poder que delas se constituem, a partir da interseccionalidade. As autoras, ao mesmo tempo em que discutem situações que emergiram nos últimos anos nas sociedades, mostram como uma parcela da população detém esse poder dentro de tais relações.

O livro constitui um subsídio fundamental para os pesquisadores de diversas áreas, que poderão utilizar da interseccionalidade com intuito de entender e explicar as relações humanas. Ela está situada nas encruzilhadas, é heterogênea e não nos propõe respostas simples, mas indagações que nos impulsionam para frente e a caminho da justiça social.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

Recebido em: 25/04/2024

Aceito em: 29/08/2024

Publicado em: 30/08/2024